

PAULO FREIRE E BELL HOOKS: UM ENCONTRO LIBERTÁRIO

Débora Mazza

UNICAMP/CNPq- Brasil

E-mail: dmazza@unicamp.br

Introdução

O trabalho tem como objetivo debater a influência concomitante da vida, do trabalho e dos escritos de Paulo Freire e bell hooks, que tiveram a oportunidade de se conhecerem e se influenciarem mutuamente.

Vários autores destacam o impacto que os primeiros trabalhos de Paulo exerceram nas Américas e o efeito perturbador de sua passagem pelos Estados Unidos questionando a politicidade da educação ao confirmar ou contestar o *status quo*, bem como denunciar as desigualdades de classe, gênero, raça e sexo que se desdobravam e se cristalizavam por meio da pedagogia das elites dominantes. Carlos Torres sugere que o livro *Pedagogia do Oprimido* “apresentou uma sistematização das bases antropológicas para uma educação libertadora e uma reinterpretação das relações entre filosofia, educação e política” (TORRES, 1996, p. 568). Ira Shor aponta que Paulo, nos Estados Unidos, “instigou educadores e estudantes a mudarem o modo como ensinavam e seu livro foi um guia e uma inspiração no combate ao autoritarismo da educação” (SHOR, 1996, p. 566). Henry Giroux assinala que “sua narrativa da educação é um projeto político que rompe com as múltiplas formas de dominação e amplia os princípios e as práticas da dignidade humana, liberdade e justiça social” (GIROUX, 1996, p. 569). Peter McLaren indica que “sua teoria se tornou conhecida no mundo e permitiu ser lida como uma espécie de contra-narrativa ao discurso dos ricos, poderosos e privilegiados” (MCLAREN 1996, p. 587), para citar apenas alguns que estiveram com ele nos Estados Unidos. Entretanto, várias mulheres, professoras e intelectuais apontaram que

os líderes políticos, os intelectuais e os pensadores críticos progressistas do Terceiro Mundo, como Freire, Fanon, Memmi etc. construía um paradigma falocêntrico de libertação – onde a liberdade e a experiência de masculinidade patriarcal estavam interligadas (hooks, 2019, p. 69).

Deste modo, o trabalho contando com fontes documentais, como livros, artigos, entrevistas, vídeos de domínio público e uma vasta fortuna crítica, aprofunda a passagem de Paulo Freire pelos Estados Unidos, o encontro e o diálogo crítico que bell hooks estabeleceu com ele e a repercussão na obra de ambos.

Paulo Freire e bell hooks

O texto recupera a origem social, a formação escolar, os vínculos institucionais, o exercício profissional e as vicissitudes políticas que cercaram a vida de ambos, a partir de 1970. Explora o encontro, os diálogos estabelecidos e o efeito desta interação nas experiências de professor e professora, escritor e escritora. Destaca a originalidade e as influências possíveis de serem aferidas na construção da teoria e no engajamento político e pedagógico.

Aprofunda alguns pontos que comparecem na obra dos dois intelectuais, dando relevo a convergências e divergências entre o educador brasileiro nordestino, educador de adultos e comprometido com uma pedagogia do oprimido e a militante do movimento negro feminista, professora e engajada na luta antirracista, anticolonial e antipatriarcal.

Lança luz nas condições concretas de existência que informaram o cotidiano, o trabalho e a reflexividade teórica dos dois induzindo contribuições particulares na educação popular e no movimento feminista.

Considerações provisórias

A crítica realizada publicamente por bell hooks à presença do paradigma falocêntrico na obra de Paulo Freire, promoveu um diálogo fértil e uma amizade genuína com repercussões no campo da educação e no movimento feminista. Abriu brechas para que várias mulheres se inspirassem em Paulo para legitimar posicionamentos feministas. Isabel Hernández, uma educadora indígena argentina, dirá:

fui encontrando Paulo no Brasil, no Chile, na Argentina, na Bolívia, em Nicarágua, El Salvador e até cruzando a fronteira e chegando em Los Angeles [...] Uma geração de latinas americanas aprendia com ele. Juntaram-se vocábulos em português, espanhol e tantas línguas indígenas...e assim, todas nós fomos alfabetizando em nossos sonhos. A lecto-escrita em

mapudungum-espanhol foi pensada a partir de um alegre portunhol, no “frio e chuvoso” sul do Chile [...] A pedagogia do diálogo e do conflito nascia. (HERNÁNDEZ, 1996, p. 243).

Mere Abramowicz, uma professora universitária e amiga de Paulo, descreve a sensibilidade, o carinho e a lição de amor que recebeu de Paulo quando Elza morreu e recupera suas palavras:

Sinto a incrível experiência do vazio.... Uma presença tão pequena do amanhã...não sei amaciar a saudade [...]. Eu não sou o futuro para meus filhos e minhas filhas; sou um pouco do passado e muito do presente [...] já pensei em parar tudo e lentamente sumir [...] optar pela vida é a única forma de viver e ser leal a Elza! (FREIRE apud ABRAMOWICZ, 1996, p. 202-204)

Moema Viezzer, socióloga, escritora e educadora da Rede Mulher de Educação, interpelou várias vezes Paulo sobre uma metodologia de educação popular feminista pois entendia que seu trabalho provocava a emersão das relações de dominação e opressão entre homens e mulheres e relata:

Ao trabalhar a partir da ótica das mulheres, a pedagogia do oprimido deve necessariamente levantar as questões sobre as várias contradições existentes na sociedade que extrapolam as contradições de classes sociais. O movimento feminista desvendou a realidade de opressão do gênero feminino pelo gênero masculino como parte constitutiva da realidade social, em todas as classes sociais. [...]. É a esta construção social que as feministas denominam de *Relações Sociais de Gênero*, ou seja, as relações que historicamente foram construídas pela sociedade e que, portanto, podem mudar. [...]. Os escritos de Paulo Freire foram por nós utilizados para levantar esta contradição fundamental no trabalho de educação popular com grupos de mulheres (VIEZZER, 1996, p. 596- 597)

Neste certame, a análise dos percursos de Paulo Freire e bell hooks sugere que ambos misturaram suas vidas com as dimensões da política e da pedagogia, atuaram na

formação humana através do ensino e da extensão, tiveram seus trabalhos repercutindo em vários países das Américas e desafiaram as posições hegemônicas conservadoras e liberais em defesa de uma educação como prática da liberdade e do aprofundamento das relações democráticas nas sociedades capitalistas contemporâneas profundamente desiguais e violentas. Paulo se filiou à educação de jovens e adultos e direcionou seu trabalho às camadas populares. bell hooks se vinculou à educação antirracista e se dedicou a causa das mulheres negras. Ambos questionam o autoritarismo das relações professor(a) e aluno(a), encorajam o(a)s estudantes a acreditarem na validade de suas experiências como ponto de partida do processo educacional, valorizam os processos de educação não escolar e apreciam o diálogo como “processos que geram longas fermentações sociais” (LIMA, 2021). Ambos defendem a educação como exercício político, a sala de aula como espaço de confrontação e a pedagogia como ciência que produz relatórios de práticas que devem conscientizar, denunciar e modificar as situações de exclusão, opressão e exploração e, finalmente, concebem como essencial “a educação feminista, sobretudo, para orientar a análise para uma nova interpretação dos conhecimentos existentes (MEYERS, 1996, p. 598).

Referencias

- ABRAMOWICZ, Mere. Amor e perda em tempos de vida. Em dois momentos entrelaçados. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, Instituto Paulo Freire (IPF)/Unesco, 1996, p. 201- 204.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GIROUX, Henry A. Um livro para os que cruzam fronteiras. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, Instituto Paulo Freire/Unesco, 1996, p. 569- 570.
- HERNÁNDEZ, Isabel. Uma geração que graças a você aprendeu a sonhar. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, IPF/Unesco, 1996, p. 242- 243.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante, 2019a.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. A educação democrática. CASSIO, Fernando (org). *A educação contra a barbárie*. São Paulo: Boitempo, 2019c, p. 199-207.

LIMA, Luiz Costa. A propósito de Paulo. *A Terra é Redonda*, 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/a-proposito-de-paulo-freire/>>. Acesso em: 07/2021.

MAZZA, Débora. Paulo Freire e o pensamento educacional brasileiro. In: PAIXÃO, Alexandro H.; MAZZA, Débora et all.(org.) *Centelhas de transformações – Paulo Freire e Raymond Williams*. São José do Rio Preto, HN, 2021a, pp. 191-221.

_____. Paulo Freire na Unicamp: o ranço autoritário e o verniz democrático. Seção Comemorativa Paulo Freire 100 anos. *Revista Educação e Sociedade*, vol. 42, 2021b, pp. 1-27.

MCLAREN, Peter. Paulo Freire e o primeiro mundo. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, IPF/Unesco, 1996, p. 587- 589.

MEYERS, Ruth S. Paulo Freire e o feminismo. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, Instituto Paulo Freire/Unesco, 1996, p. 598.

SHOR, Ira. Um livro perturbador a respeito da educação. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, IPF/Unesco, 1996, p. 565- 567.

TORRES, Carlos A. Pedagogia do Oprimido. Revolução pedagógica da segunda metade do século. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, IPF/Unesco, 1996, p. 567- 568.

VIEZZER, Moema L. Paulo Freire e as relações de gênero. In GADOTTI, Moacir (org.). *Uma biobibliografia*. São Paulo/Brasília, Cortez, IPF/Unesco, 1996, p. 596- 598.